

# ARQUIVOS

do



*20 anos*



Copyright © 2020 by Grupo de Pesquisa Cultura Memória e Desenvolvimento

**Universidade de Brasília**

**Reitora** Márcia Abrahão Moura

**Vice-Reitor** Enrique Huelva

**Instituto de Ciências Sociais**

**Diretor** Arthur Trindade

**Vice-Diretora** Carla Costa

**Chefe de Departamento de Sociologia**

Stefan Fornos Klain

**Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia**

Tiago Ribeiro

**Editor responsável** Edson Farias

**Editor adjunto** Júlio César Valente Ferreira

**Produção Editorial** Preparação de texto, edição

e revisão Júlio César Valente Ferreira

**Projeto gráfico** Pedro Ernesto Freitas Lima

**Diagramação** Miguel de Araujo Lopes

Endereço para correspondência Universidade de Brasília

-Departamento de Sociologia Campus Darcy Ribeiro – ICC Centro

B-1 408 CEP 70910-900 Tel. 55 (61) 31077329

Homepage <https://www.culturaememoria.com.br>



Arquivos CMD/Grupo de Pesquisa Cultura, Memória  
e Desenvolvimento

---

Universidade de Brasília v.11 n.1 (2022) – Brasília

CMD, 22 Semestral ISSN 2318-5422

1. Ciências Sociais.2. Universidade de Brasília –

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

2. Comitê Editorial: Edson Farias, Júlio César Valente  
Ferreira, Camila Cantanhede Vieira, Roberta Mathias,  
Euclides Mendes, Salete Nery.

---

CONSELHO EDITORIAL:

RENATO ORTIZ (UNICAMP)

GLAUCIA VILLAS-BÔAS (UFRJ)

RUBEN OLIVEN (UFRGS)

MARIA EDUARDA MOTTA (UFPE)

ANDRÉA LEÃO (UFC)

MARCO ANTÔNIO DE ALMEIDA (USP)

ANETE IVO (UFBA)

SAYONARA LEAL (UNB)

BIANCA FREIRE-MEDEIROS (USP-RJ)

MARIA CELESTE MIRA (PUC-SP)

TÂNIA MARA CAMPOS DE ALMEIDA (UNB)

JOSÉ PAULINO (UNB)

MAGDA NEVES (PUCMINAS)

MICHEL NICOLAU NETTO (UNICAMP)

MARIANA BARRETO (UFC)

VASSILLI RIVRON (UNICAEN)

CHRISTOPHER DUNN (TULANE UNIVERSITY)



# *Sumário*

## *Dossiê CMD: 20 Anos – Parte I*

- 11 Apresentação**  
Edson Farias
- 16 Ontologias do comum: produção de subjetividades coletivas na dinâmica cultural contemporânea**  
MARIELLA VIERA PITOMBO
- 42 As formações culturais nacionais e suas inscrições (intra e extra) regionais**  
MARIANA BARRETO
- 56 Trajetória individual na pesquisa na área da cultura: entre a comunicação social, as políticas públicas e a sociologia**  
CLEIDE VILELA



- 82** **A herança africana na estética das festas populares e sua participação na construção da sociedade brasileira**  
Alberto Bomfim
- 97** **A volta do exilado à casa da mãe: a memória e conhecimento nos fluxos/deslocamentos nos enquadramentos do pertencer**  
EDSON FARIAS
- 140** **Ensaio**  
**Regimes de memória à luz de um itinerário audiovisual**  
ROGÉRIO LUÍS DE OLIVEIRA
- 150** **Memória de Pesquisa**  
**Na adoção de um nome, a delimitação de um eixo intelectual:**  
**Esboço da concepção de memória no CMD**  
EDSON FARIAS, SALETE NERY E MILENA GUSMÃO
- 210** **Artigos livres**
- 210** **A dialética após a indústria cultural: notas sobre o significado social da arte após sua mercantilização**  
THOMAS EDSON



- 230** **Do Sistema de ação social à personalidade: uma proposta de interpretação da subjetividade centrada na totalidade**  
Bruno Camargos
- 250** **Quando o trabalho vira passatempo: aprendizado moral, trabalho social e pessoas em situação de rua**  
HERNANY GOMES DE CASTRO
- 290** **Esboço de Letras**  
**Geopolítica do Conhecimento e Teoria: Um Estudo Sobre a Circulação de Teoria nas Revistas de Ciências Sociais Brasileiras**  
MATHEUS ALMEIDA PEREIRA RIBEIRO
- 316** **Resenha**  
**A resiliência perante as derrotas: sobre a História do PCB**  
GABRIEL OPENKOWSKI



## Editorial

Na história do CMD, o ano de 2022 permanecerá sob o signo da ambiguidade. De um lado, o grupo comemorou os seus 20 anos de existência. As celebrações dessa data aqui, na nossa revista, estarão manifestas neste e no próximo número por meio do dossiê temático reunindo comunicações apresentadas no Seminário Interno de Pesquisa, realizado no final de 2022, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista. Já a seção **Memória da Pesquisa** se ocupa da história intelectual do grupo. Edson Farias, Salete Nery e Milene Gusmão, em *Na adoção de um nome, a delimitação de um eixo intelectual: Esboço da concepção de memória no CMD*, ao se traçar um painel das duas décadas de existência do CMD, tomam por fio condutor a centralidade ocupada pela referência eliasiana na definição da problemática sobre a cor-

relação cultura, memória e desenvolvimento – nuclear triângulo precursor da proposta que dá eixo ao grupo. Rogério Luiz de Oliveira assina a seção Ensaios e complementa a reverência. Sob o título de *Regimes de memória à luz de um itinerário audiovisual*, Oliveira conduz uma narrativa audiovisual em que a trajetória como pesquisador e realizador audiovisual é situada na sua participação no CMD.

Por outro, em setembro de 2022 perdemos Moacir Carvalho de Oliveira. Vítima da Covid-19, sua morte abrupta causou imensa comoção entre seus familiares e círculos de amizades. Para nós do CMD, pela incredulidade do ocorrido, abriu-se uma lacuna que ainda não foi preenchida e é muito provável que nunca o seja. Fenda insuturável onde desapareceu o raciocínio fino, sempre atento aos movimentos do mundo e igualmente ávido em en-



## EDITORES

contrar a saída cognitiva apropriada para traduzir em conhecimento os tantos lances que o chamava à pesquisa, ao estudo e à reflexão. Alguém que intrigava, porque sabia tornar cúmplices a agudez filosófica ao apuro do obstinado pesquisador empírico. Também, o empenho em tornar recíprocos o cuidado literário em proporcionar o prazer da leitura e as exigências incontornáveis da carpintaria expressiva do texto científico. Essa plasticidade notória para aproximar, mesmo tornar afins, critérios de avaliações, a princípio, díspares, até contraditórios entre si, extrapolava as fronteiras do fazer ciência. Todos/as que puderam compartilhar da sua convivência sabe o quanto o sociólogo Moacir estava atravessado pelo poeta e compositor e vice-versa, nenhum deles estava isolado um do outro, atuavam em conjunto, ainda que sempre de maneira tensa, até mesmo gerando nergas, pelo exercício da vigilância mútua. Enfim, o torpor engendrado pela morte repentina, deixa-nos a ambivalência de uma específica saudade, aquela resultante da carência desses e tantos outros atributos, mas igualmente um regozijo por termos experimentados todas as muitas faces dessa personalidade singular, o nosso “Lorde Biron” soteropolitano.

Este número é também uma homenagem ao nosso querido e muito saudoso Moacir. Reconhe-

çamos o quão decisivas foram suas contribuições à existência do CMD. A homenagem a ele, portanto, é parte das comemorações do 20 anos do grupo.

Voltando à apresentação deste número da Arquivos do CMD, na seção de **Artigos Livres**, os três artigos tem a característica reflexivo comum de estabelecer o diálogo com a teoria social, embora sejam com vertentes diferentes.

Thomas Amorim, em **A dialética após a indústria cultural: notas sobre o significado social da arte após sua mercantilização**, entabula um diálogo com Frédéric Jameson. Nessa conversa, nota a defesa do autor estadunidense de que, mesmo na era da indústria cultural, as representações estéticas possuem o atributo de produzir significados utópicos e mapear a realidade social de formas diretas e indiretas. Para Amorim, a proposta do interprete é que esse inconsciente da percepção coloca em xeque qualquer interpretação simplista e dualista acerca da verdadeira arte, digna de análise, e as obras industriais, estéreis e desprovidas de interesse estético. Isto porque a materialidade histórica das matérias-primas simbólicas utilizadas pela arte é impositiva e se expressa na produção e recepção de todos os tipos de produção simbólica, impondo angústias e esperanças, medo e utopia.



Deste modo, se a sociedade da imagem não pode dispensar inteiramente a objetividade histórica que a constitui, apesar de cada forma desviar, inverter ou mitigar ideologicamente tal “inconsciente político” por caminho próprio. Tanto desejo quanto o recalque, diz Jameson, estiveram presentes no modernismo e na indústria cultural nas formas de negatividade e conciliação, inclusive quando o fosso a as separar era máximo, em nossa era pós-moderna, eles sobrepõem-se de maneira ainda mais clara na dialética entre utopia e reificação nas diversas produções da cultura de massas. Enfim, para Thomas Amorim, desvendar os significados dos produtos culturais contemporâneos é uma tarefa inescapável para a análise cultural e que demanda uma interpretação de longo prazo sobre as transformações críticas que arte atravessou nas últimas décadas e séculos.

**Do sistema de ação social à personalidade: uma proposta de interpretação da subjetividade centrada na totalidade** tem o objetivo de discutir uma relação possível da psicologia com a sociologia a partir do diálogo entre Parsons e Adorno e propor uma perspectiva teórico-metodológica centrada na totalidade que permita uma interpretação da subjetividade a partir da teoria adorniana

da personalidade. O seu outro, Bruno Camargos se coloca a tarefa de apresentar o conceito de sistema social parsoniano; em seguida, expõe as críticas de Adorno em relação a Parsons, assim como as implicações destas à sua teoria da personalidade e, por fim, apontaremos para uma implícita teoria da subjetividade presente nesta teoria. Hernany Gomes de Castro discute ao longo de **Quando o Trabalho Vira Passatempo: aprendizado moral, trabalho social e pessoas em situação de rua** o ato de fala em que uma pessoa em situação de rua reconhece seu trabalho. O seu objetivo é compreender por que a atividade de vigilância de carros em estacionamentos é reconhecida como trabalho e a catação de materiais em sacos de lixo como passatempo. O exercício de análise de teoria, sobre a relação da pessoa em situação de rua com o trabalho, coloca em discussão os problemas da divisão do trabalho social e do reconhecimento do trabalho, dialogando com as contribuições de Georg Simmel, Émile Durkheim, Karl Marx, Jürgen Habermas, Boltanski e Thévenot, Serge Paugam e Bicudo Vêras. Desse modo, são recuperadas as noções como trabalho social, moral, aprendizagem de saberes, sistemas e mundo da vida, linguagem e justificação, desqualificação social, subcidadania, entre outras.



Na seção **Esboço de Letras**, o ensaio *Geopolítica do Conhecimento e Teoria: Um Estudo Sobre a Circulação de Teoria nas Revistas de Ciências Sociais Brasileiras*, assinado por Matheus Almeida Pereira Ribeiro, discute a geopolítica da produção e circulação de conhecimento a partir do caso brasileiro. A análise parte de um levantamento quantitativo e da análise qualitativa do conteúdo de artigos publicados em 22 das principais revistas de ciências sociais brasileiras, de 2010 a 2018, com foco na discussão sobre teoria social. O objetivo é estudar em que medida o debate na área de teoria, realizado neste intervalo, expressa as relações de poder de globais no campo do conhecimento. Os resultados obtidos permitem notar que a maior parte das contribuições de estrangeiros, nas revistas brasileiras, é realizada por intelectuais do Norte Global e que as publicações destes pesquisadores tinham um caráter mais inovador e propositivo no campo da teoria social, em comparação com a dos brasileiros, latino-americanos e africanos. Assim, o autor argumenta que o debate realizado em revistas brasileiras na área de teoria, expressa a divisão internacional do trabalho intelectual que situa os países do Norte enquanto local de enunciação com maior poder de influência nos princípios teóricos que direcionam o trabalho das ciências sociais.

Este número é encerrado com a resenha **A resiliência perante as derrotas: sobre a História do PCB**. Gabriel Openkowski toma por objeto o livro *História do PCB*, organizado por Lincoln Secco, Luiz Pericás. Editado pela Ateliê Editorial, em 2022, a coletânea reúne texto que procuram oferecer um quadro das conquistas, dilemas e derrotas do Partido Comunista Brasileiro. Openkowski se ocupa, no seu texto, justamente, de realçar episódios que pontuam os cem anos dessa importante instituição política e são objeto em diferentes momentos do livro resenhado.

Edson Farias e Júlio César Valente.